

Ti-jo-lo/ en-con-tro: Cante lá que eu canto cá, por Dinho Lima Flor, Lílian Lima, Rodrigo Mercadante, Thiago França, Aloísio Oliveira.

Para demonstração de processo de criação, é importante:

- não organizar uma aula, mas um encontro.
- manter aberto o espaço dos improvisos, associações e novas direções.
- ênfase à amizade: como conceito a partir do qual a horizontalidade é possível, e crítica a certo “profissionalismo” como modelo de organização.
- não criar uma estrutura fechada, mas reproduzir, dentro do possível, junto com quem estiver conosco, um ambiente de criação.
- apresentar uma narrativa sobre as origens da Cia. do Tijolo.
- comentar sobre a poesia e a canção como formas de resistência (tomando como referência algumas falas do professor Alfredo Bosi).
- apresentar algumas canções, poemas e histórias que tenham servido de inspiração para construção dos espetáculos do grupo.
- abordar as relações entre música e teatro, popular e erudito, Federico Garcia Lorca, Patativa do Assaré e Paulo Freire.
- apresentar a história da Companhia e dos espetáculos em termos de processo: as continuidades e descontinuidades que nos ligam tanto àqueles que vieram antes de nós como àqueles que virão depois.
- fazer desse encontro um momento de prazer para a Cia. do Tijolo e para os participantes do evento.

Roteiro

1. *Porque cantamos* (poema de Mário Benedetti)

Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel
você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço
a pátria está morrendo de tristeza
e o coração do homem se fez cacoc
antes mesmo de explodir a vergonha
você perguntará por que cantamos
se estamos longe como um horizonte
se lá ficaram as árvores e céu
se cada noite é sempre alguma ausência
e cada despertar um desencontro
você perguntará por que cantamos
cantamos porque o rio está soando
e quando soa o rio / soa o rio

cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino
cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes

e nossos mortos querem que cantemos
cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota
cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta
cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.

2. *Mambembe* (canção de Chico Buarque de Hollanda)

No palco, na praça, no circo, num banco de jardim,
Correndo no escuro, pichado no muro,
Você vai saber de mim
Mambembe, cigano
Debaixo da ponte/ Cantando
Por baixo da terra/ Cantando
Na boca do povo/ Cantando
Mendigo, malandro, moleque, mulambo bem ou mal/
Cantando
Escravo fugido, um louco varrido
Vou fazer meu festival
Mambembe, cigano
Debaixo da ponte/ Cantando
Por baixo da terra/ Cantando
Na boca do povo/ Cantando
Poeta, palhaço, pirata, corisco, errante judeu/ Cantando
Dormindo na estrada, no nada, no nada
E esse mundo é todo meu
Mambembe, cigano
Debaixo da ponte/ Cantando
Por baixo da terra/ Cantando
Na boca do povo/ Cantando

Tema 1: Cia. do Tijolo

Nossas raízes. De onde viemos: Teatro Ventoforte, Cia. São Jorge e Casa Laboratório para as Artes do Teatro.

Tema 2: O surgimento da Cia. do Tijolo

O encontro de Dinho Lima Flor com Patativa do Assaré.

3. *Flor e o ispinho* (canção de Nelson Cavaquinho)

Tire o seu sorriso do caminho
Que eu quero passar com a minha dor
Hoje pra você eu sou espinho
Espinho não machuca flor
Eu só errei quando juntei minh´alma à sua
O sol não pode viver perto lua

É no espelho que eu vejo a minha mágoa
A minha dor e os meus olhos rasos d´água
Eu na tua vida já fui uma flor
Hoje sou espinho em teu amor

Tema 3: “Leitura do Mundo e a leitura das palavras”. História de como chegamos ao nome Cia. do Tijolo: Patativa do Assaré encontra Paulo Freire.

Duelo de poesias – Concerto de *Ispinho e fulô* e *Cante lá que eu canto cá*: dois espetáculos sobre Patativa do Assaré.

... Mas era preciso ir ao Cariri e nessa viagem foram:

Música (coro): São três dias e três noites de São Paulo a Fortaleza. Que Beleza!!!
Fortaleza, Juazeiro sete horas sem parar.
Sem parar, sem parar, sem parar...
Juazeiro até o Crato vai ser mesmo uma moleza.
Crato, Nova Olinda, em Assaré vamos chegar.

Atores: Falta muito? Que calor? Dirige pra mim?

Música (coro): São três dias e três noites de São Paulo a Fortaleza. Que Beleza!!!
Fortaleza, Juazeiro sete horas sem parar.
Sem parar, sem parar, sem parar...
Juazeiro até o Crato vai ser mesmo uma moleza.
Crato, Nova Olinda, em Assaré vamos chegar.

Atores: Seu Patativa?

Patativa: Ummmm!!

Ator: Seu Patativa, é um prazer em primeiro lugar, nós somos um grupo de São Paulo e estamos fazendo uma peça sobre o senhor. Viemos até aqui para conhecê-lo melhor.

Atriz: Viemos pesquisar para fazer um espetáculo sobre a sua vida, colher material. É que a gente leu tudo seu Patativa, a gente adorou... Queríamos fazer um laboratório...

Ator: Seu Patativa, a gente veio primeiro conversar... com o senhor. Saber das coisas daqui do sertão, saber sobre o caldeirão (*com um gravador na mão*) o senhor se importa se...

Patativa: Gravador, que estás gravando, aqui, no nosso ambiente, tu gravas

a minha voz, o meu verso, o meu repente. Mas, gravador, tu não gravas a dor que meu peito sente! Tu gravas em tua fita com maior perfeição, o timbre da minha voz, a minha fraca expressão! Mas não gravas a dor grave, gravada em meu coração! Gravador, tu és feliz! E, ai de mim o que será? Bem o que em tua fita está pode ser desgravado, e a dor do meu coração jamais se desgravará! (*tempo*) São de onde?

Atores: Sou de Santos, sou de São Paulo, Maringá...

Patativa: São poetas?

Atriz: Poeta aqui é o senhor, seu patativa. Eu sou atriz, o senhor sabe, né? Todo ator é uma espécie de poeta.

Patativa: Sei não!

Poeta cantor da rua que na cidade nasceu,
cante a cidade que é sua,
que eu canto o sertão que é meu,
se ai você teve estudo,
aqui Deus me ensinou tudo,
sem de livro precisá,
por favor, não mexa aqui,
que eu também não mexo ai,
cante lá,
que eu canto cá.

Atores: Seu patativa, não é isso não! Só viemos para conhecê-lo.

Patativa: Pra gente aqui sê poeta e fazê rima completa, não precisa professor, basta vê no mês de maio, um poema em cada gaio e um verso em cada fulô, cante lá que eu canto cá...

Ator: Não é isso, seu Patativa, não é o que senhor está pensando. Vou gravar isso não.

Patativa: Poeta cantor da rua que na cidade nasceu, eu sou cantor da mão grossa, trabaio na roça de inverno e de istio, a minha choupana é tapada de barro e o meu cigarro é de palha de milho. Poeta das brenhas eu sou e não faço papé de argummenestréerrante cantor, que veve vagando com sua viola, cantando pachola a procura de amor// Não tenho sabença, pois nunca estudei, apenas eu sei meu nome assinar, cante lá que eu canto cá.

(*Reações*)

Ator: Garoa do meu São Paulo. Timbre triste de martírios, um negro vem vindo, é branco! Só bem perto fica negro, passa e torna a ficar branco. Meu São Paulo da garoa, Londres das neblinas finas, um pobre vem vindo, é rico! Só bem perto fica pobre, passa e torna a ficar rico. Garoa do meu São Paulo, costureira de malditos, vem um rico, vem um branco, são sempre brancos e ricos... Garoa sai dos meus olhos.

Patativa: Você é munto ditoso,

sabe lê, sabe escrevê,
pois vá cantando sue gozo,
que eu canto o meu padecê
Repare que a minha rima
é diferente da sua,
a sua rima pulida,
nasceu no salão de rua,
mas, porém eu não invejo
os grandetesôro seu,
o livro de seu colégio,
onde você aprendeu
É certo que você teve indução,
estudou munta ciência,
mas das coisas do sertão
não tem boa experiência.

Atores: Sertão é dentro da gente,
o sertão é do tamanho do mundo,
não tem janelas nem portas.
sertão é como eu,
ou bem Deus governa o sertão
ou o sertão nos governa.
Sertão é aonde o pensamento da gente
se torna mais forte, do que o poder do lugar.

Patativa: Só se canta o sertão direito
com tudo quanto ele tem,
quem sempre correu istreito,
sem potreção de ninguém,
coberto de precisão com paciência de Jô,
arrastando o cabo de enxada
na pegada e na chapada
molhadinho de suó.

Poeta niversitário, poeta de cademia,
de rico vocabulário, cheio de mitologia,
tarvês essa minha fala,
não vá recebê carinho, nem lugio,
em estima, mas eu garanto ser fié
e num instruir papé
com poesia sem rima
a poesia sem rima bastante
me desanima e alegria não me dá,
não tem sabôa leitura,
parece uma noite escura,
sem estrela e sem lua,
cante lá que eu canto cá.

Ator: Quando nasci um anjo torto, desses que vivem na sombra disse:
Vai, Carlos! Ser gauche, nas casas espiam os homens que correm atrás
de mulheres. A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos. O
bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas, para que
tantas pernas meu Deus, pergunta meu coração. Porém meus olhos não
perguntam nada. Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu

não era Deus, se sabias que eu era fraco. Mundo, mundo vasto mundo se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução. Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto seu patativa é o meu coração.

Patativa: Se o doutor me perguntar

se verso sem rima presta,
calado eu não vou ficar
e minha opinião é essa:
Sem rima a poesia perde alguma simpatia
e uma parte do primô,
não merece muita palma,
é como um corpo sem alma e um coração sem amor.
Meu caro amigo poeta
que faz poesia branca,
não me chame de pateta
por essa opinião franca,
é que seu verso é mistura
e um tá sarapaté, que quem tem pouca leitura,
lê, mas não sabe o que é,
tem tanto coisa encantanda,
tanta deusa, tanta fada
mistério e condão
e outros negócios impossivi,
e eu canto a coisas visive
do meu querido sertão
e por isso vivo nessa solidade,
bem distante da cidade,
onde a ciência governa,
tudo meu é natura e eu não sou capaz
de gostar de poesia moderna,
já disse: não mexa aqui,
que eu também não mexo ai,
cante lá, que eu canto cá.

Ator: Ora (dizeis) ouvir estrelas!

Certo, perdeste o senso!
E eu vos direi, no entanto
Que, para ouvi-las,
muitas vezes desperto
E abro as janelas, pálido de espanto

E conversamos toda a noite,
enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto,
Cintila.

E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas?
Que sentido tem o que dizem,
quando estão contigo?”

E eu vos direi:

Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas

Patativa: Olavo Bilac! Conheço! Vai de Castro Alves!

Ator: É de um escravo a humilde sepultura,
foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

Patativa: Vinte e quatro anos esse homem viveu, imagina se um homem desse tivesse vivido 56 anos, o que não teria deixado pro mundo. Eu aprendi a lê, pra lê Castro Alves.

Patativa: Vai de Camões! Conhece!

Ator: As armas e os Barões Assinalados

Patativa: Pela estrada da vida nós seguimos

Ator: Que da ocidental praia luzitana

Patativa: Cada qual procurando melhorar

Ator: Por mares nunca dantes navegados

Patativa: Tudo aquilo que vemos e ouvimos

Ator: Passaram muito além da taprobana

Patativa: Desejamos na mente interpretar

Ator: Por perigos e guerras esforçados

Patativa: Pois nós todos na terra possuímos

Ator: Mais que permitiu a força humana

Patativa: O sagrado direito de pensar

Ator: Entre gente remota edificaram

Patativa: Nesse mundo de Deus olho e diviso

Ator: Novo reino que tanto sublimaram

Patativa: O Purgatório, o inferno e o Paraíso.

É assim que eu sou,
é assim que eu canto...
Eu canto as fulô e os ispinhos
com todas as coisas daqui,
pra toda parte que eu óio,
eu vejo um verso se buli
Mas se eu as vez andando
nos vales atrás de curá meus males,
quero reparar pra serra,
assim que olho pra cima
vejo um diluvi de rima,
caindo em riba da terra.

4. *Último pau de arara* (canção de Luiz Gonzaga)

A vida aqui só é ruim
Quando não chove no chão
Mas se chover dá de tudo
Fatura tem de montão
Tomara que chova logo
Tomara, meu Deus, tomara
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara

Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara
Enquanto a minha vaquinha
Tiver o couro e o osso
E puder com o chocoalho
Pendurado no pescoço
Vou ficando por aqui
Que Deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal
Em outro canto não para
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara

5. *Canto dos Emigrantes* (Alberto da Cunha Mello)

Com seus pássaros
Ou a lembrança dos seus pássaros
Com seus filhos
Ou a lembrança dos seus filhos
Com seu povo
Ou a lembrança de seu povo
Todos emigram
De uma pátria a outra do templo
De uma praia a outra do atlântico
De uma serra a outra das cordilheiras
Todos emigram
Para o corpo de Berenice
Ou o coração *wall street*
Para o ultimo tempo
Ou a primeira dose de tóxico
Para dentro de si
Ou para todos
Para dentro de si
Ou para todos
Pra sempre todos emigram

215

Tema 4: Patativa encontra Garcia Lorca: continuidades possíveis

6. *Alerta* (canção de Jonathan Silva)

Bordar, num pano de Linho
Um poema Tambor que desperte o vizinho.
Pintar, no asfalto e no rosto
Um poema alvoroço que adormeça a cidade.
Dançar com tamancos na praça
Cantar, porque um grito já não basta
Esfarrapados, banguelas
Meninos de rua, poetas, babás.
Vistam seus trapos, abram os teatros,
É hora de começar:
Alerta, desperta, ainda cabe sonhar.
Alerta, desperta, ainda cabe sonhar.

Tema 5 : Poesia e resistência: o modo como a Cia. do Tijolo organiza sua dramaturgia.

Elza caga na rua (Miró da Muribeca)

Elza caga na rua
no Largo de Santa Cecília
não limpa a bunda
nem por isso morreu ainda
a guarda metropolitana não ousa prendê-la
não há nada no código penal
que diga que cagar em via pública é crime
se tivesse, Elza cagaria do mesmo jeito
dizem que Elza não tem juízo
os sem juízo
são imunes perante Deus e a polícia
e nem sequer sabe da existência de papel higiênico

Tema final: A política da amizade como forma de resistência à servidão, como bom encontro potencializando a criação.

Morte e Vida Severina (trecho – João Cabral de Melo Neto)

E não há melhor resposta
Que o espetáculo da vida:
Vê-la desfiar seu fio,
Que também se chama vida,
Ver a fábrica que ela mesma,
Teimosamente, se fabrica,
Vê-la brotar como há pouco
Em nova vida explodida
Mesmo quando é assim pequena
A explosão, como a ocorrida
Como a de há pouco, franzina
Mesmo quando é a explosão
De uma vida Severina.

7. *Nenhuma lágrima* (canção de Suely Costa)

Nem uma lágrima
Nem uma lástima
Só este chorinho meio antigo
Pra dizer que eu não chorei de amor

Nem uma lágrima
Quem me olha e não me vê
Aprendi amor vou repetir
Enquanto eu fizer canção
E tocar violão
E atravessar a dor
Com os olhos na poesia
E os passos no meu dia
Mas amor não choro não
Nem mais uma lágrima de amor